

Tiago Corbisier Matheus
Adolescência: conceito adolescente?

Este trabalho pretende, a partir da discussão de duas formulações do conceito de adolescência, fazer notar as questões teóricas que daí emergem, fazendo realçar as bordas do referencial teórico no qual cada uma se sustenta. Não se busca resolver as questões, mas antes, salientar que a adolescência não produz inquietação somente como fenômeno sociocultural, mas também como conceito que demanda posicionamento teórico.

► Palavras-chave: Adolescência, conceito, puberdade, psicanálise

Based on a discussion of two formulations of the concept of adolescence, this article discusses theoretical questions that arise from the discussion to call attention to matters related to the theoretical references on which each one bases its arguments. Our purpose here is not to attempt to settle these questions, but rather to emphasize that adolescence produces excitement not only as a socio-cultural phenomenon, but also as a concept that requires a theoretical basis.

► *Key words: Adolescence, concept, puberty, psychoanalysis*

Será a adolescência um conceito adolescente? Será preciso mais trabalho clínico e teórico para fazer da adolescência algo mais que um fenômeno, um campo de investigação da psicanálise, com consistência e *maturidade*? Será preciso mais reflexão teórica acerca da constituição do sujeito, buscando uma metapsicologia capaz de fazer eco às vicissitudes deste emblema da modernida-

de? Ou adolescência – como é próprio do adolescente, diga-se de passagem – inquieta, na medida em que faz surgir as nervuras do referencial teórico que sustenta o conceito?

Nestes cem anos de psicanálise, muito aconteceu, não somente no que diz respeito à produção teórica, mas também em relação às transformações socioculturais que caracteri-

zaram o período. A clínica sofre os efeitos destas mudanças, pois o paciente de hoje não parece ser o mesmo que aquele do início do século passado (Pinheiro, 1996, p. 43). Voltar à reflexão sobre a constituição do sujeito se justifica, portanto, não somente em função de eventuais lacunas teóricas, mas sobretudo pela possibilidade de pensar naqueles que chegam hoje aos consultórios em busca de tratamento. Um dos campos de investigação que neste contexto se destaca é a adolescência, que ora é tomada como fenômeno social, ora como momento necessário na constituição do sujeito. Como se sabe, não é um conceito originalmente psicanalítico, mas surge como fenômeno da modernidade (Ariès, 1986) e demanda dos psicanalistas um entendimento a respeito. Este trabalho tem como proposta contrapor duas formulações distintas do conceito, a fim de fazer notar, na diferença, as implicações teóricas.

No percurso errante deste conceito — que vagou entre tantos —, a adolescência encontra particular acolhida entre os representantes da chamada *psicologia do ego*. Muitas referências produzidas nos últimos anos sobre adolescência (por exemplo, Osório, 1989; Carvajal, 1996) parecem sofrer a influência destes autores, que estudam o fenômeno adolescente numa relação direta e inevitável com as transformações orgânicas pelas quais cada um passa com o final de sua infância e entrada na vida adulta. Aberastury, por exemplo, concebe a adolescência como “um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social” (Aberastury, Knobel, 1991, p. 13), o que pare-

ce configurar a chamada “crise essencial da adolescência”, como diz Knobel na mesma obra (p. 10). A crise, no entanto, não configura uma patologia, mas a *síndrome normal da adolescência*. Trata-se, portanto, de uma crise esperada, que cada um deve experimentar.

Aberastury, assim como Knobel, não descarta a importância do campo social neste processo, na medida em que “tanto as modificações corporais incontrolláveis como os imperativos do mundo externo... exigem do adolescente novas pautas de convivência”. Porém, a interferência do *mundo externo* parece ocorrer mais no sentido de impor uma determinada *adaptação* ao sujeito, como *exterioridade*, do que participar das mudanças subjetivas que nele estejam ocorrendo, desde seu início. Isto porque

... as mudanças psicológicas que se produzem neste período... são a correlação de mudanças corporais... Quando o adolescente se inclui no mundo adulto com este *corpo já maduro*, a imagem que tem do seu corpo mudou também sua *identidade*, e precisa então adquirir uma *ideologia* que lhe permita sua *adaptação* ao mundo e/ou sua ação sobre ele para *mudá-lo*. (p. 13, grifo meu)

A concepção de corpo implícita aqui diz respeito às mudanças orgânicas ocorridas, pois trata-se de um *adolescente* num *corpo já maduro* — se fosse um corpo em seu significado simbólico, não poderia já estar *maduro*, uma vez que a adolescência está no início de seu percurso. Assim, o texto deixa entender que são as mudanças corporais em sua perspectiva orgânica que se destacam no início deste processo: daí decorrem

as mudanças psicológicas (*são correlatas*) que, por sua vez, induzem a uma mudança de *identidade* e à premência de uma *ideologia* que permita a *adaptação* ou *mudança do mundo* – metas últimas do processo.

A ideologia a que se refere parece constituir um "sistema de valores" e "teorias políticas e sociais", que o adolescente "confronta com (as de) seu meio" e então "se posiciona" (p. 15). Nesta po-
ideologia do adolescente se configuraria como um pensamento *próprio* – no sentido de exclusivamente seu – e *amplo* – no sentido de abranger as várias dimensões da realidade social – sobre o mundo.

A identidade adolescente é, por sua vez, para Aberastury, composta por uma "multiplicidade de identificações contemporâneas e contraditórias". Na medida em que esta multiplicidade se mantém e o adolescente ainda não pode "renunciar a aspectos de si mesmo e não pode *sintetizar* os que vai adquirindo", não pode "adquirir uma *identidade coerente*". Sendo assim, espera-se do adolescente que possa harmonizar as contradições pelas quais vem passando, a fim de sair de sua crise e encontrar uma identidade coerente.

Por último, há um comentário de Knobel que parece tornar clara a posição, tanto sua quanto de Aberastury (cf. foi comentada sua noção de corpo), sobre os determinantes do processo adolescente. Diz ele:

... não há dúvidas de que o elemento sociocultural influi com um determinismo específico nas manifestações da adolescência, mas também temos que considerar que *atrás* dessa expressão sociocultural existe *um embasamento*

psicobiológico que lhe dá características universais. (p. 25, grifo meu)

Longe de analisar o trabalho destes autores, esta primeira exposição visa assinalar pontos significativos de sua conceituação. Além do questionamento sobre o alcance de várias formulações imaginárias acerca da adolescência, vale notar a dimensão política atrelada a tal concepção. A partir da dualidade estabelecida entre a *interioridade* e a *exterioridade*, fazem uma cisão entre o psíquico e o biológico, por um lado, e o social, por outro. Na correlação necessária entre os fatores, uma hierarquia é estabelecida, na qual os primeiros parecem levar a melhor: *atrás* do social, diz Knobel, encontra-se o psicobiológico. O saber psicológico poderia encontrar independência de tantos outros cientistas sociais mas, curiosamente, volta a se atrelar – e quem sabe depender – do saber médico, responsável pelo corpo em seu sentido biológico.

Uma vez estabelecida uma dimensão universalizante do psíquico, a chamada crise adolescente se torna necessária: é preciso que cada sujeito viva um período doloroso, pausado por contradições, confusão e ambivalência. Esta experiência subjetiva passa então a ser condição para a inserção no mundo dos adultos, na qual a *adaptação* é a referência. Como se a ambivalência e as contradições se restringissem a esse momento e a *síndrome* passasse quando este momento patológico fosse superado, sendo ele resultante, em última instância, de fatores orgânicos. Esta forma de entender a adolescência, que encontra tanta ressonância nos dias atuais, acaba depurando o sentido social e político que tais experiências possam

ter, restringindo-as a determinados indivíduos e, conseqüentemente, normatizando-as para que fiquem aí contidas e bem delimitadas.

O próprio conceito de identidade, já bastante questionado pela fantasia de unidade que carrega (por exemplo, Souza, 1994), explicita esse mesmo viés normatizante: espera-se deste momento de passagem que o sujeito possa *sintetizar e harmonizar* as contradições que incomodam e ameaçam. Difícil, porém, é vislumbrar a conquista de uma identidade coerente, como é proposto, se as opções para o final do processo são *a adaptação e/ou a mudança do mundo*.

Esta leitura configura uma expectativa duplamente imobilizadora. No primeiro caso, a adaptação seria a submissão direta ao sistema tal como se encontra, sem questionamento. No segundo, fica a impressão de que compete ao adolescente a transformação do mundo, expectativa sobre a atuação do jovem que em sua idealização tende a fortalecer seu contrário, ou seja, a não transformação; na medida em que demonstra a sua (que ele não sabe ser também de tantos outros) impotência para tanto. No entanto, se for considerada a articulação entre adaptação e mudança, como saídas ambas necessárias, torna-se possível ver a arapuca armada ao sujeito adolescente: caminhos impossíveis de serem efetivados e, concomitantemente, únicos possíveis, do ponto de vista das imagens oferecidas a cada jovem, e frente às quais terá que se posicionar.

Pautada numa determinada leitura do texto freudiano, a formulação de Aberastury e Knobel da adolescência se mostra, ela pró-

pria, adaptativa. Ao apontar o biológico como fundamento último desta transformação, põe em xeque a legitimidade da sexualidade, como construção singular do sujeito a partir dos laços que estabelece e está inserido. Efeito da concepção de indivíduo moderno, esta leitura favorece a produção de estigmas em torno da adolescência, desconsiderando ou deixando em segundo plano a dimensão histórica de que é resultante.

Nas últimas décadas, a adolescência se tornou campo de investigação também de psicanalistas herdeiros da chamada tradição francesa. Entre eles, Ruffino se propõe a discutir a adolescência como conceito psicanalítico, de modo a questionar vários problemas presentes na concepção anterior, mas também fazendo emergir questões complexas que põem em relevo determinados fundamentos da psicanálise.

Ao tomar a adolescência como advento da modernidade, o autor marca uma primeira distinção da anterior: o sujeito da psicanálise possui inscrição histórica, sendo, ele próprio, sintoma de um percurso que o antecede. A tese sobre a qual o autor irá trabalhar é que, na ausência de dispositivos societários tais como os rituais de passagem — que nas sociedades tradicionais possuíam a legitimidade de dar sentido a esta transição —, cabe ao sujeito fazer singularmente a conversão do real ao simbólico. Adolescer, diz, "é constituir-se de modo a fazer, na 'interioridade' da sua história subjetiva, aquilo que faltou na 'exterioridade social'" (Ruffino, 1996a, p. 93). É neste sentido que a adolescência é "uma atualização da própria estruturalidade do simbólico sobre

a subjetividade do homem moderno" (1993, p. 53).

A partir dos registros RSI formulados por Lacan, oferece uma compreensão da adolescência que evita segmentação entre o psicológico e o social. Permite, em contraposição, a articulação do sujeito psíquico à estrutura simbólica que sustenta o dito corpo social: cabe ao adolescente buscar respostas às questões que ficaram em aberto com a fragilização dos rituais de passagem, que dizem respeito ao "Outro-Sexo", ao lugar que ocupa na ordem da filiação e à ética que sustenta seus atos e escolhas. Mas, lembra o autor, o processo não se cumpre com respostas finais, pois a produção significativa não cessa com a suposta idade adulta. Trata-se de sublinhar o trabalho psíquico exigido, que envolve o impacto com o real, a antecipação imaginária e a operação simbólica propriamente dita (1993, p. 49-50), num entrelaçamento não linear, nem sintetizante.

Se Ruffino fala em *interioridade e exterioridade*, sempre o faz utilizando aspas, o que se justifica pelo fato de que, conforme lembra, "exterior e interior se interpenetram na topologia psicanalítica" (p. 34). Mas por que então continuar se referindo a termos que poderiam fazer retornar à cisão psicológico/social? Parece menos plausível a intenção de manter a proximidade de uma concepção de adolescente vigente, que realça esta cisão. Uma resposta mais consistente seria que, no entrelaçamento dos registros, ainda que o imaginário seja imaginário, tem efeito sobre o simbólico; ou seja, tanto a imagem de um *interior psíquico* distante do social traduz um aspecto da experiência subjetiva

adolescente tal como é vivida quanto a produção simbólica que singulariza o sujeito é feita a partir das marcas identitárias que ficaram inscritas e passaram, necessariamente, pelo imaginário.

Na medida em que o autor entende que "a 'exterioridade' é chamada por Lacan de o 'Campo do Outro'" (1993, p. 35), não poderia Ruffino somente aludir ao (grande) Outro e evitar o primeiro termo? O Outro faz pensar em tantos outros, por ser tão grande e ampliado. Ruffino usa de uma imagem de *exterioridade* que talvez cumpra a função de sublinhar algo pouco nítido num Outro ampliado: "... o exercício da adolescência porá o sujeito como nunca no coração dessas regiões do 'lá fora' que permanecem à margem do que caiu sob suspeita: produção literária, grupos juvenis e... a psicanálise" (p. 54). Lá fora em relação ao quê? Supõe-se que aquilo que se costuma olhar quando se fala em adolescência, quando o olhar do clínico se prende à concretude das paredes que o circunscrevem e a um padrão de adolescência estigmatizante incapaz de notar o sujeito que ali insiste. Para o autor, o adolescente se encontra no coração de outras regiões, como a produção literária, a experiência entre pares ou a própria psicanálise, como possibilidade de alteridade que oferece.

A pergunta que então surge é: aonde está este "lá fora"? Aonde esta *outra região* se inscreve? A hipótese é que a *exterioridade* mencionada por Ruffino seja a expressão da demanda de uma reflexão acerca do Outro que entra em jogo em função da adolescência. De alguma forma, o conceito que norteia esta discussão é a problemática noção de realidade, que entre realidade psíquica e

efetividade, *realität* e *wirklichkeit* (Freud) (p. 28), realidade psíquica e realidade concreta, continua inquietando os psicanalistas.¹

Outra referência complexa e necessária é a noção de corpo, na medida, inclusive, em que nela incide esta duplicidade própria à concepção de realidade. Desde o início, Ruffino busca deixar claro que a adolescência não se restringe aos efeitos da puberdade, os quais, segundo ele, já desde Freud, dizem respeito aos "processos fisiológicos" (1996b, p. 6). Num primeiro momento, considera que a adolescência é um fenômeno "aberto pela puberdade, sob condições específicas da cultura e da história" (1993, p. 36). Adiante, nomeia, como deflagrador do processo, "o real do impacto pubertário-social" (p. 43). Num outro momento, ainda, considera que o efeito causado pela puberdade *não é* a entrada na adolescência, mas a saída da infância, sem que isso garanta a entrada na adolescência, pois, como dissera anteriormente, o impacto sofrido no corpo não se restringe às transformações fisiológicas (1996b, p. 6). Mas o que representa então a saída da infância, senão o confronto com o "buraco" deixado pela ausência de dispositivos societários compartilhados (rituais de passagem) e, portanto, com a exigência do trabalho de simbolização adolescente? O impacto do real não é constituído por uma duplici-

dade articulada entre a puberdade e os aspectos sociais envolvidos que, de algum modo, incidem no corpo? Se vale lembrar, como fez Ruffino, que a revisitada disputa entre o orgânico e o social reproduz uma disputa de saberes em torno de um objeto (1993, p. 33), no campo psicanalítico, a questão do corpo, em sua diferença do biológico, continua exigindo reflexão, assim como outros conceitos aí implicados, como o de pulsão e trauma.

Ao tentar assinalar a complexidade de alguns destes conceitos, pretende-se fazer notar que a questão adolescente configura um campo de investigação que faz sobressair determinados pilares da metapsicologia psicanalítica, a qual, por sua vez, não é unívoca. Confirma-se assim o comentário de Penot, num encontro recente sobre adolescência: "... a experiência do adolescente em crise nos incita muito particularmente, com efeito, a reexaminar certos fundamentos da teoria psicanalítica..." (1995, p. 37). Se a concepção proposta por Ruffino oferece saídas a alguns problemas próprios à concepção de Aberastury, nem por isso deixa de explicitar outros, que permeiam a teoria que a sustenta. Assim, o conceito de adolescência se mostra adolescente não por sua insuficiência, pois isso implicaria no ideal de uma metapsicologia definitiva, mas sim pelo incômodo que produz, ao pôr em xeque o estabelecido.

¹ Plon, por exemplo, considera que Freud mantém, ao longo de sua obra, um duplo entendimento de realidade que se por um lado lhe confere uma "fragilidade epistemológica", por outro destaca a psicanálise das demais ciências humanas por ser aquela que investiga algo tão indeterminado como o inconsciente (M. Plon, 1999, p. 102-3). Piera Aulagnier concebe a realidade exterior a partir da noção de causalidade demonstrada, a fim de não cair no empirismo (1985, p. 50).

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. 9. ed. Trad. S.M. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Trad. D. Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AULAGNIER, P. *Os destinos do prazer*. Trad. M.V. Gervaiseau e M.C. Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

CARVAJAL, G. *Tornar-se adolescente*. São Paulo: Cortez, 1996.

OSÓRIO, L. C. *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PENOT, B. *A importância da noção de adolescência para uma concepção psicanalítica de sujeito*. *Adolescência*. Revista da APPOA, publicação interna. Porto Alegre, ano V, n. 11, nov./1995.

PINHEIRO, M. T. Trauma e melancolia. In: KATZ, C. S. *Ferenczi: história, teoria, técnica*. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 43-64.

PLON, M. A face oculta da análise leiga. *Ágora*: estudos em teoria psicanalítica. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 91-108, jan.-jun./1999.

RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. R. (coord.). *Adolescência – Abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993. p. 25-58.

_____. Fragmentos em torno da epopéia do sujeito sob a operação do adolescer. In: CORRÊA, A. I. (org.). *Mais tarde... é agora!* Salvador: Artes e Ofícios, 1996. p. 78-100.

_____. A adolescência como operação do simbólico. *Boletim de Novidade da Livraria Pulsional*. São Paulo: ano IX, n. 89, p. 5-13, set./1996.

SOUZA, O. *Fantasia de Brasil* – As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.

Artigo recebido em outubro de 2003

Aprovado para publicação em fevereiro de 2004